

## VISÕES E TERRITÓRIOS:

### Uma leitura da nova exposição de longa duração do MAST

IRENE CRISTINA DE MEXIA HEITOR DE MEDEIROS PORTELA\*

“E um dia os homens descobriram que esses discos voadores estavam observando apenas a vida dos insetos.”

(Mário QUINTANA. “Para Suspeitar”. **Para Viver com Poesia**. São Paulo: Globo, 2007. p. 105). Obrigado, Esther!

### **VISIONS AND TERRITORIES: an analysis of the design of MAST’s new permanent exhibition**

#### **Abstract**

During the last few months, I have been involved in the design of the new permanent exhibition in MAST (Museum of Astronomy and Related Sciences). This was a totally new experience and a very interesting one for someone who is an anthropologist and partly political scientist, Portuguese and partly Brazilian.

The current article has no historiographical intent. Its objective is to reflect on the territories associated with Brazil that were drawn for the exhibition, more about sea and sky, more about imaginaries and natures, more about lands and possessions, more about universalities and their application in the country.

The motto of the exhibition was to unmask the science, in particular astronomy and the instruments used in it, involved in the configurations that Brazil assumed from the sixteenth to the twentieth centuries – revealing as much as possible from the permanent collection. What I intend is to map some of the visions that this motto led us to consolidate, themselves part of the territories now presented as landmarks of science and Brazil.

**Keywords:** conceptions of science and territorial designs of Brazil; astronomy and conceptions of Brazil

---

\* Irene Portela trabalha na Coordenação de Educação do MAST – Museu de Astronomia e Ciências Afins. Tem mestrado em Antropologia Social pelo PPGAS/MN/UFRJ e fez (tese ainda não concluída) doutorado em Ciência Política no IUPERJ.

Endereços de email: [irenep@rionet.com.br](mailto:irenep@rionet.com.br) ou [irenecristina@mast.br](mailto:irenecristina@mast.br)

## **Introdução: de antropólogos, da exposição e do MAST**

Uma vez antropólogo, sempre antropólogo... Montaigne defendeu num de seus ensaios que o hábito não é uma segunda natureza, ele é a natureza. No famoso “Dos canibais”, ele afirma que consideramos bárbaro tudo o que não se pratica na nossa própria terra. A pretexto dos tupinambá, do que viria a ser o Rio de Janeiro, Montaigne pensa a si próprio e à sociedade sua contemporânea. A prática da antropologia certamente desenvolve um olhar, ‘de dentro e de fora’, que passamos a incorporar. Com isso, vários mundos são encarados como possíveis e as fronteiras como provisórias e mutantes. Os territórios confundem-se – o que não impede, antes pelo contrário, que neles se penetre, com a quase certeza de que cada visão transforma o próprio olhar.

Passei a fazer parte da equipe que montava a exposição, sob coordenação-geral de Maria Esther Valente, em julho de 2010. O esforço de organização da exposição já durava alguns anos, passara por vários percalços e mudanças no pessoal envolvido. Quando entrei, estava-se porém conseguindo trabalhar na estrutura que veio a corresponder ao desenho dado.

O MAST – Museu de Astronomia e Ciências Afins completou 25 anos em março de 2010. Desde algum tempo, há no museu quatro coordenações - de Educação em Ciências, de História da Ciência, de Museologia, de Documentação e Arquivo. O desenvolvimento da exposição acabou por envolvê-las umas com as outras de modo mais intenso do que o habitual. Vale apontar que os modos dessa interação são um dos elementos que pesaram nas configurações da exposição.

Determinados ‘especialistas’ assumiram responsabilidade maior por conteúdos específicos. Assim, há que reparar que, sem dúvida, os ‘saberes’ que procuraram destacar estão relacionados ao lugar que buscaram ocupar no seu campo – de um modo mais amplo e no âmbito do MAST -, aos jogos de afirmação aí presentes, bem como às composições que a interação entre eles assume.

De início a direção geral da montagem da exposição estava a cargo da Museologia. Quando entrei no MAST – e no projeto – já passara para a coordenação de Educação em Ciências, um departamento relativamente pequeno do MAST, a que pertencemos Esther Valente, Ronaldo e Eugênio – com participação importante sob índices como acesso a ciência e astronomia - e eu própria. Duas pesquisadoras da coordenação de História da Ciência, Heloísa Gesteira e Moema Vergara, estavam encarregadas de fornecer o eixo condutor de cada uma das partes da exposição. O pessoal da coordenação de Documentação e Arquivo teve pouca participação direta na montagem da exposição. É como se o material do arquivo em si fosse o ator significativo no corpo assumido. A expografia final, a cargo de António Carlos Martins, ficou com a Museologia. A Museologia, contudo, esteve presente no processo como um todo, em particular através do lugar de ‘agregadora’ e ‘organizadora’ assumido por Vanini Lima e de ‘artista’ de Ivo Almico e de Thiago Vasconcellos; além do próprio António Carlos. Nesse sentido, meio que permeou os esboços que foram sendo traçados. Esse conjunto de pessoas interagiu, embora em composições variáveis, no processo de elaboração do roteiro como um todo – e, assim, é partícipe das visões e dos territórios que se acabou por construir. O Diretor à época, Alfredo Tolmasquin, também foi parte do desenho, numa interação todavia mediada, por Esther em particular, reflexo da distância hierárquica associada ao cargo. ‘Pessoas de fora’, a exemplo de Alda Heizer, do Prof. Matsuura, dos produtores e do ator do vídeo, do Prof. Victor, da empresa que fez a cópia do astrolábio e dos compassos de ponta seca e até de quem elaborava as réplicas em madeira e definia limitações, também atuaram no cenário onde os territórios se desenhavam.

Evidentemente, não se pretende insinuar que os personagens, cada um com suas idiossincrasias, e os departamentos sejam o principal determinante na configuração da exposição. Têm, todavia, seu lugar, compõem um fundo de cena – e por vezes chegam à sua frente -, em movimento, e, assim, devem ser introduzidos ‘ao distinto público’. Por outro lado, pode-se também perceber características atuais de cada coordenação no modo como os membros delas atuaram no conjunto da exposição e contribuíram para seu feitio. Aliás, já que se trata de um mapeamento algo inefável, o ‘prédio antigo’, onde o pessoal trabalhava e onde a exposição ficará montada, e o ‘prédio novo’,

inaugurado em junho de 2010 e para onde o pessoal se deslocou já mais para o final desse ano, não deixam de ser outros referentes.

Os ‘instrumentos’ – além de textos - do acervo do MAST e algumas réplicas de equipamentos mais antigos que se mandou fazer eram uma espécie de território fundacional da exposição, de ‘materialidade’ da ciência que engendrou as construções de Brasil. Em períodos anteriores, houvera uma concepção sofisticada e abstrata do que a exposição devia ser; e que revelava também uma vontade de abarcar praticamente toda a gama de conhecimentos e interesses dos pesquisadores do MAST. Sem dúvida, os instrumentos foram um ator de peso na exposição. Sua presença relativa em cada uma das ‘etapas’ em que “Ciências entre o Céu e a Terra” se constituiu pode exatamente ser reveladora de diferenças nas concepções de ciência e território existentes e que escolhemos demarcar. É claro que a astronomia, mesmo que por vezes não assumida integralmente enquanto tal, foi o ramo de conhecimento que forneceu a articulação do conjunto. Nesse sentido, não é à toa que os territórios desenhados sempre foram constituídos de céus, desde os explícitos dos mares aos daquilo que se inscreve na terra a partir das medições celestes.

### **Um primeiro território: de supostos saberes consagrados**

A sensação inicial que tive diante dos primeiros temas da exposição foi de reconhecimento. Falava-se de mar, de céu e terra. Partia-se do que uma criança portuguesa aprende logo muito cedo, só sem tocar na lá sempre presente Escola de Sagres. Os antecedentes que tão extensamente se apresenta em Portugal, a ‘constituição de nacionalidade’, via consolidação dinástica e territorial, que teriam sido condição para a ‘partida para o mundo’, não surgiam. Tampouco havia referência ao que uma historiografia comum apresenta: a miríade de motivações, de ordem religiosa, comercial e expansionista, e as visões de mundo que teriam estado por detrás do empreendimento dos Descobrimentos.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Tratei do assunto num trabalho para disciplina do mestrado no PPGAS/MN/UFRJ, ministrada pelo Prof. Otávio Velho: “Novos Mundos ao Mundo: tentativa de análise de alguns aspectos relacionados aos Descobrimentos portugueses”, 1982.

Partia-se do “Mar Português” de Fernando Pessoa (“Ó mar salgado, quanto do teu sal / São lágrimas de Portugal! // (...) // Deus ao mar o perigo e o abismo deu, / Mas nele é que espelhou o céu.”) e o destaque era a qualidade da ciência portuguesa. Presumia-se, apercebi-me pouco depois, que haveria uma desvalorização do saber feito em Portugal que devia ser revertida – e essa preocupação na verdade subjazeu as construções relativas ao período dos séculos XVI a XVIII. No olhar de fora que posso permitir-me, é como se a imagem persistente a transformar fosse a assumida aqui em torno dos imigrantes portugueses, de literalidade e incapacidade de percepção de nuances, coetânea à de um Brasil que não se encara de forma ‘séria’<sup>2</sup>. A qualidade científica presente no ‘encontro’ e desenho inicial de Brasil teria então a capacidade – e exerceria a função necessária – de diluir essa ‘vergonha’ injustificada.

A familiaridade que originalmente sentira era, assim, algo ilusória – um pouco ao modo da imagem invertida do espelho (e do espelho de Alice). Não havia, como apresentado na versão de senso comum em Portugal, a ideia de um antigo curso paulatino de eventos, há tempos em desenvolvimento. Sem dúvida, estava presente a noção, também lá vulgar, da presença de um propósito, uma reflexão e uma observação sistemáticos – quase afins ao que se costuma associar ao ‘fazer científico’ da era contemporânea. Havia, contudo, uma diferença importante: ao invés de uma ‘sequência natural’, o referente era o ‘saber’, e a articulação de saberes, que haviam acabado por estar envolvidos na ‘fundação’, no ‘encontro’ e construção inicial do Brasil (claro que havia plena noção que o empreendimento português tivera outros desdobramentos mas o viés deliberado era o do Brasil). Os instrumentos, as aulas, o conhecimento empírico e abstrato e seus usos, conferem ao país um território muito feito de mar e céu e dessa apropriação da ciência em Portugal, por tal forma ‘transportada’ para o Brasil.

Durante um bom tempo intitulei o arquivo com o roteiro do primeiro tópico “Deus ao mar e maravilhas”. Deus ao mar de *Mensagem* de Pessoa e maravilhas das descrições

---

<sup>2</sup> Refleti sobre isso em “Un Brésil à Travers des Images Brésiliennes du Portugal”, 1988, e, co-autoria com Livia Barbosa, em “O Colonizador do Brasil: Imagens de Portugal e dos portugueses nos livros didáticos de história do Brasil”, 1987. Na dissertação de mestrado, um dos temas foi a refração correspondente a essa imagem dos migrantes portugueses em Portugal: **Dos Brasileiros, da Civilização e de África: Um estudo antropológico da identidade nacional portuguesa na segunda metade do século XIX.**, 1992.

comuns ao período. Novamente, a presença jesuítica é algo comumente referido em Portugal mas há uma diferença, um deslocamento que se poderia dizer de ordem temporal. Lá, a questão jesuíta tem menor destaque, é oferecida mais em contraste ao iluminismo português e aos “estrangeirados”, já no século XVIII. Afinal, eles estão ocupados demais com as paragens além-mar... Na exposição, caminhou-se por buscar outras ‘contribuições’ à ‘ciência no Brasil’ e aos falares sobre o Brasil – e cristão-novos certamente apareceram. Coube, todavia, desenhar aí, como parte importante, um território que mescla terra e imaginário, indígenas que se misturam com terra, plantas que se associam a santos, reflexões de toda ordem e com objetivos bastante variados; numa associação, que pareceria quase inevitável, entre o desenho jesuíta e o Brasil. Há uma continuidade, em parte impressa pelas falas, tanto ‘maravilhosas’ como, pouco depois, de caráter mais ‘científico’, jesuítas. Em Portugal não se duvida do propósito que conduziu à ‘grandeza’ dos Descobrimentos (e dos empreendimentos político-comerciais de vária ordem na África, Ásia e Brasil). Por seu turno, 1580 e os sessenta anos do domínio espanhol são a ‘mácula’, o sinal do fim do que fora uma rota brilhante e cujo curso nunca seria recuperado (o discurso pode ser mais ou menos sofisticado mas é reproduzido em vários níveis). Com o que desenhemos na exposição, no Brasil, ao invés, travar-se-ia a mistura, que não mira fora senão, antes, estaria na origem do desenhos internos – e, inclusive, da ‘esperteza’ envolvida em revelar apenas parte da ‘ciência’ a que se recorre para ‘ganhar’ o novo território. Dito de outra forma, o ‘território’ português, na visão até hoje presente na ex-metrópole, é o do conhecimento do mundo do soneto de Camões:

“Vês aqui a grande machina do Mundo, / Etherea, e elemental, que fabricada / Assi foi do saber alto, e profundo, / Que é sem principio e meta limitada. / Quem cerca em derredor este rotundo / Globo, e sua superficie tão limada, / He Deos; mas o que he Deos ninguem o entende / Que a tanto o engenho humano não se estende.” (**Lusíadas**, X, LXXX. Apud D’EÇA, 1894).

Já na visão que aqui construímos, o território brasileiro estaria ligado à mistura e à defesa do elemento edênico - ainda que sob as composições mais variadas -, por jesuítas como Nóbrega e Anchieta, como na afirmação deste de que “Até nas pedras há com que admirar e portanto exaltar a onipotência de Deus Nosso Senhor” (Maio de 1560. Apud LEITE, 1955: XVI). Como se sabe, há também visões que combinam sem maiores dificuldades maravilhas e terrores. O conjunto trabalha várias definições da “terra de Santa Cruz”, indo em muitos sentidos; e é como se a multiplicidade fosse a característica do novo território em desenho. Domínio espanhol e ocupação holandesa

são itens desse quadro composto que não haveria por que pensar que alterem significativamente.

O eixo da ciência como que vem se apôr a tal concepção. Avançou-se no tempo e os ‘saberes’ astronômicos - e matemáticos correspondentes - ganham destaque e circulam na Europa. É como se houvesse um afã de conhecimento em certa medida mais desligado da associação precedente com os ‘fazeres’, como na preparação dos cartógrafos e pilotos dos Descobrimentos. As cortes paulatinamente se interessam por esse saber, tanto a título de ‘curiosidade’ como para ‘fins úteis’. O destaque dado na exposição a esse lugar da ciência, feita em Portugal e no Brasil no período, coaduna-se com um esforço de ‘reversão’ da imagem que era corrente, aqui como na antiga metrópole. Não à toa, trabalhos científicos produzidos na época ‘desapareceram’ - um daqueles fenômenos que evidenciam o viés que marca o olhar -, foi-lhes aposto o selo de ‘inexistência’, que historiadores atuais, daqui e de lá, tentam retirar.<sup>3</sup> Quanto a esse período, o Brasil que desenhemos aparece assim marcado por um fazer e uma reflexão ‘científicos’, onde, como na Europa, visões divergentes se apresentam; espécie de ‘antecedentes’ da aplicação mais deliberada dos conhecimentos pelos “engenheiros-cartógrafos”<sup>4</sup> que seriam encarregados de mapear o Brasil.

Uma presunção que penso estar clara é a de que não se visa contestar a relevância de qualquer escolha historiográfica feita. Os caminhos percorridos atendem, porém, a ‘protocolos’, a modos, etapas e detalhamentos que ‘o tempo e a circunstância’, para pensar com Maquiavel,<sup>5</sup> definem como adequados. Assim, as visões e os territórios desenhados nada têm de fortuitos nem mesmo quando - poder-se-ia até dizer sobretudo quando - obedecem às regras melhor estabelecidas da pesquisa historiográfica. Esse

---

<sup>3</sup> Um dos exemplos de ‘trabalho desaparecido e encontrado’, a que se deu bastante destaque na exposição, é o **Sistema Físico-Matemático dos Cometas** de José Monteiro da Rocha, cujo manuscrito foi ‘resgatado’ na Biblioteca Pública de Évora na década de 1990.

<sup>4</sup> Como sabido, a figura dos “pilotos cosmopolitas” e dos “engenheiros cartógrafos” está associada ao trabalho de Jaime Cortesão. Um trecho constante da exposição onde aparece: “Mas, entre a primeira e a segunda fase, entre os pilotos cosmopolitas e os engenheiros-cartógrafos e delimitadores, embora a diferença seja grande, persiste um laço e continuidade vigorosa de cultura. As duas técnicas relacionam-se pelo mesmo denominador comum – o sentido fundamental do espaço.” (CORTESÃO, 1984, II: 379).

<sup>5</sup> A importância do foco no tempo e circunstância em Maquiavel é destacada, por exemplo, por SKINNER, Quentin. (1988) [1981], *Maquiavel*. São Paulo: Brasiliense.

tópico inicial da exposição, que para tantos caminhos se orientou, como que definiu um território feito de ‘fases’, ancorado num ‘labor científico’ prévio, ligado à metrópole, mas também calcorreado a partir da ‘nova terra’ - com sua enorme quantidade de remissões possíveis - na qual, então, uma continuidade, uma ‘certeza territorial’, como que se inscrevia, ganhava curso. O Velho do Restelo, antecipadamente, estava certo - e não deixava de incorporar o vindouro Voltaire. As naus ainda não haviam saído mas ele pressagava o que seria o caminho português: ousar para construir um caminho que escapará a Portugal; e que será de outras terras. (E por que a ousadia e a reconquista de terras pequenas mas suas não retornarão a Portugal? - diria Camões?).

### **Assentamentos: de mundos e terras idos para si**

O conhecimento científico e as contendas diplomáticas seriam o eixo evidente de um ‘segundo momento’ territorial brasileiro - ao menos na exposição. É como se a América tivesse deixado de ser ‘o novo’, como se ‘o mistério’, o ‘sublime’ perdessem seu lugar - como que replicando a relativa derrota da leitura de Vieira do significado da passagem do cometa em Salvador em 1695<sup>6</sup>. A corte, as manobras, o ‘uso dos saberes’, continua do lado oriental do Atlântico mas a ‘massa territorial’, embora ainda algo informe e carente da investida propiciada por esses jogos, impõe-se. O governo português é assim - e aqui há uma espécie de visão comum, com parcos deslocamentos, entre o que se divulga lá e aqui - como que compelido a lidar com essa ‘natureza gigantesca’ do território brasileiro, que se teria constituído, na concepção que subjaz a exposição, em parte por um fito definido mas que também teria encontrado eco nas visões que agregam possibilidades e mundos.

Mais uma vez, Portugal é retratado como uma metrópole cujas políticas são argutas e deliberadas. O interesse do rei, como em outras cortes europeias, pela astronomia vai

---

<sup>6</sup> Como marcado na exposição: “Se acaso não o entendes assim e és do número daqueles que chamam aos cometas causas naturais e não reconhecem neles outro mistério ou documento mais alto, eu te afirmo que essa mesma incredulidade e dureza é já um efeito fatal do mesmo cometa e princípio dos castigos que por ele e com ele pode ser que nos venham anunciados.” Padre António VIEIRA. (1952) [1710], *A Voz de Deus ao Mundo, a Portugal e à Bahia. Juízo do cometa que nela foi visto em 27 de outubro de 1695 e continua até hoje, 9 de novembro do mesmo ano. Obras Escolhidas*. Lisboa: Sá da Costa. v. VII. p. 2.

par e passo com a instrução para que se desenvolva o ‘conhecimento’ do território brasileiro. A técnica do saber e do segredo, espécie de base de uma diplomacia astuta, seria claramente dominada pelo governo português. Curiosamente, este período tem uma representação algo análoga em Portugal, típica de um absolutismo ilustrado. Todavia, a versão se altera, ou ao menos se empana, quando acompanhada de um fio mais longo, que ligue ao Brasil e tal como presente, pois, nas leituras mais vulgares. Aí, a imagem é de esforços jogados fora, uma ideia persistente do fim definitivo da ‘grandeza nacional’ que a independência brasileira marcaria de forma indelével (e que, não por acaso, se vincula à guerra civil e à luta entre liberais e absolutistas entre 1822 e 1834). Aqui é como se o ‘saber’ viesse de fato a inscrever o território brasileiro. Há um caminho que vem de trás, de antes do ‘encontro’, que agora ganha o aspecto de um ‘conhecimento de Estado’, a ser usado para garantir a integridade da ‘massa territorial’ e para defini-la nos limites do que seja considerado adequado. As viagens filosóficas seriam um elemento de ‘incorporação’ de várias dimensões, em parte resgatando algo do ‘maravilhoso’ - muito embora sob a perspectiva da ‘sistematicidade’ - do território. Nos movimentos que destacamos, a metrópole quer e deve conhecer e integrar o que há no Brasil, um fisiocratismo cuja visão, inclusive a associada a Frei Mariano Veloso e à Casa Literária do Arco do Cego, é de ‘destinos’ ligados e de uma ‘grandiosidade brasileira’. Por outro lado, os movimentos independentistas como que passavam ao largo do ‘empreendimento do saber’. O conhecimento ganhava caráter crescentemente universal e pode-se dizer que o mesmo ocorria com os ideários políticos que conduziram à Independência Americana e à Revolução Francesa mas o fato é que não escolhemos estabelecer conexões entre os dois fenômenos<sup>7</sup>.

---

<sup>7</sup> Recentemente, a 20 de março de 2011, Barack Obama, no discurso pronunciado no Teatro Municipal do Rio, destacava que os Estados Unidos havia sido o primeiro país a reconhecer a independência brasileira e que Pedro II visitara os Estados Unidos. Será que o não estabelecimento dessa ligação entre conhecimento e política – apesar de se apresentar D. Pedro II, junto com o presidente Grant, inaugurando oficialmente a Exposição Internacional do Centenário em Filadélfia, em 1876 - está em parte ligado à ênfase que procuramos colocar na ‘ciência’ produzida na Europa, para a qual o Brasil por longo tempo manteria seus olhos prioritariamente voltados?

## Ciências e criações de territórios

O cenário da última parte da exposição é o de um Brasil existente por si. A ciência em geral, e a astronomia em particular, tem um papel forte no desenho que o ‘gigante’ assumirá. Por um lado, o que se escolheu destacar foi a ‘autonomização’ crescente do saber e o lugar que a ‘ciência feita no Brasil’ aí assumiu. Por outro lado, como esses saberes fizeram parte dos processos de conhecimento interno e definição dos limites territoriais brasileiros. Os percursos - de certa forma como nos períodos anteriores - foram feitos de ciência e de política, na sua vertente diplomática para o que toca aos limites exteriores e na sua vertente planejadora no que toca, por exemplo, à delimitação do quadrilátero onde Brasília viria a ser construída.

Uma visão persistente penso ser a de Brasil no mundo - que vai em paralelo à de ciência no mundo - e a antiga metrópole foi deixada definitivamente para trás. Neste sentido, não é por acaso que se destacou a conferência internacional, mantida em Washington em outubro de 1884, para fixação de um meridiano inicial comum, na qual o instrumento de trânsito do Observatório de Greenwich acabou por ser escolhido como meridiano zero e onde o Brasil teve participação relevante.<sup>8</sup> Talvez se deva pensar que nesta parte da exposição esteve em cena mais um ator de peso: o Imperial Observatório do morro do Castelo e o conjunto do *campus* no morro de São Januário onde hoje ficam o Observatório Nacional e o MAST. ‘Histórias’ e disputas associadas ao Observatório, atividades eminentemente científicas e esforços de vulgarização da ciência, instrumentos construídos sob os auspícios de seus membros, participação em exposições e em diversas comissões de mapeamento do Brasil, foram aspectos que se considerou não haver como deixar de tratar.

A outra visão significativa, coerente com a remissão deliberada ao “mito da Ilha Brasil”, é a do Brasil mundo, que corresponderia, a nível de senso comum, à imagem do gigante ainda a conhecer e a explorar - pela via da ciência e da política, mas de uma política

---

<sup>8</sup> Aliás pode-se considerar, mesmo que um pouco de brincadeira, sintomática a falta de estranheza - a não ser minha - que a ausência de Portugal da conferência inicialmente representou.

restrita.<sup>9</sup> A crescente circulação do conhecimento entre a ‘comunidade científica mundial’ também correspondeu à ampliação do público leitor, em geral e no Brasil, e interessado em assuntos ‘de ciência’. É por este viés, de uma espécie de ‘opinião pública’, que os brasileiros teriam acompanhado os resultados de comissões e expedições de demarcação de fronteiras e de exploração de áreas. Deste modo, talvez se possa falar na imagem de Brasil - num paradoxo só aparente - como ainda vago e carente de investimentos - de ordem científica e também política - no próprio momento em que suas fronteiras físicas continentais são instituídas.

### **De visões, de ciências, de territórios, de mundos**

Não cabe uma seção de fecho. Seria incoerente. O que gostaria de acrescentar também ainda não está na hora: leituras que os diversos públicos farão da exposição. Certamente haverá muitas e traduzi-las constituirá um esforço vão. Julgo, não obstante, que valerá a pena vermos aspectos da interação desses novos atores, de novos mundos possíveis que irão sendo criados; e que consigamos transformá-los em parte relevante dos territórios e das ciências que construímos.

#### **Referências bibliográficas:**

ANCHIETA, José de. Carta escrita de S. Vicente no último de Maio de 1560. Apud: LEITE (S.I.), Serafim. **Cartas dos Primeiros Jesuítas do Brasil. III.** São Paulo: Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo, 1955.

CORTESÃO, Jaime. **Alexandre de Gusmão e o Tratado de Madrid.** Vol. II. Lisboa: Livros Horizonte, 1984.

D’EÇA, Vicente M. M. C. Almeida. Comemoração do Centenário Henriquino. **O Infante D. Henrique e A Arte de Navegar dos Portuguezes.** (Conferência feita em 19 de fevereiro de 1894). Lisboa: Imprensa Nacional, 1894. <http://www.gutenberg.org/files/24533/24533-h/24533-h.htm>, acesso em 09/jul/2010.

---

<sup>9</sup> Chama a atenção, mais uma vez, a distância relativa no tocante aos Estados Unidos. É como se o referente brasileiro para política de fato não abarcasse nenhuma construção ‘modelar’ à **la Democracia na América** de Tocqueville.

MONTEIRO DA ROCHA, José. (2000), **Sistema Físico-Matemático dos Cometas**. Composto por ocasião de um que foi visto no ano de 1759 na Cidade da Bahia. CAMENIETZKI, Carlos Ziller & PEDROSA, Fábio Mendonça. (Edição atualizada, introdução e apêndice). Rio de Janeiro: MAST, 2000.

PORTELA, Irene. “Novos Mundos ao Mundo: tentativa de análise de alguns aspectos relacionados aos Descobrimentos portugueses”. (Trabalho de curso de mestrado). 1982.

PORTELA, Irene. “Un Brésil à Travers des Images Brésiliennes du Portugal”. **Sociétés: Revue des Sciences Humaines et Sociales**. Paris: Masson, 1988.

PORTELA, Irene. **Dos Brasileiros, da Civilização e de África: Um estudo antropológico da identidade nacional portuguesa na segunda metade do século XIX**. (Dissertação de mestrado). PPGAS/MN/UFRJ, 1992.

PORTELA, Irene & BARBOSA, Lívia. “O Colonizador do Brasil: Imagens de Portugal e dos portugueses nos livros didáticos de história do Brasil”. **Fórum Educacional**, vol. XI, nº 4, 1987.

SKINNER, Quentin. **Maquiavel**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

VIEIRA, Padre António. *A Voz de Deus ao Mundo, a Portugal e à Bahia*. Juízo do cometa que nela foi visto em 27 de outubro de 1695 e continua até hoje, 9 de novembro do mesmo ano. **Obras Escolhidas**. Lisboa: Sá da Costa. v. VII. p. 2, 1952.